DEFRONTANDO-SE COM O KARMA

(Grundstimmung dem Menschlichen Karma gegenüber Karma GA 130)

Ao término das duas conferências públicas proferidas nesta cidade, enfatizei que a Antroposofia não deveria ser considerada uma teoria ou uma simples ciência, nem como conhecimento, no sentido comum do termo. É antes, algo que se transforma em nossas almas, de um simples conhecimento e teoria para vida do dia a dia, para um elixir de vida. Desta maneira, a Antroposofia não apenas nos proporciona conhecimento, mas dela recebemos forças que nos ajudam em nossa vida diária durante a existência física bem como na nossa vida total que compreende a existência física e a existência não física entre a morte e um novo nascimento. Quanto mais nós vivenciamos a Antroposofia como algo que nos traz força, apoio e energias renovadoras de vida, mais a compreenderemos.

Depois de ouvir isto, alguém pode perguntar: “Se a Antroposofia nos traz um fortalecimento vital, por que temos de adquirir tanto do que parece ser um conhecimento teórico? Por que nas reuniões de ramo somos aborrecidos/importunados com descrições a respeito das evoluções planetárias anteriores da terra? Por que temos de aprender coisas que aconteceram há um longo tempo? Por que temos que tomar conhecimento com as específicas e sutis leis da reencarnação, karma e etc.?”

Algumas pessoas podem pensar que o que lhes está sendo oferecido é apenas outra ciência. Este problema, que se coloca fortemente diante de nós, exige que eliminemos todas as abordagens fáceis e simplistas em sua solução. Nós devemos nos perguntar se, ao levantar esta questão, nós não estaremos introduzindo aí, algumas das maneiras fáceis de resolver um problema quando se reluta em aprender e adquirir algo de modo espiritual. Esta é uma experiência desconfortável para nós e somos forçados a nos perguntar se alguma coisa nesta atitude de desconforto não se expressa na pergunta que esta sendo feita. Isto posto, somos levados a acreditar que o propósito/benefício maior que a Antroposofia pode nos oferecer seja possível de ser alcançado por caminhos mais fáceis do que aquele escolhido por nós na nossa própria literatura.

Sempre é dito, quase indiferentemente, que o ser humano precisa apenas se conhecer, que tudo que ele tem que fazer para ser um bom antropósofo é ser bom. Sim, é de uma sabedoria profunda saber que ser uma pessoa boa é uma das mais difíceis tarefas e que nada na vida exige mais em termos de preparação do que a realização deste ideal de ser bom. O problema do autoconhecimento, entretanto, não pode ser resolvido com uma resposta rápida, como muitos tendem a acreditar. Portanto, hoje, nós vamos clarear algumas destas questões que foram levantadas. Então veremos como a Antroposofia vem ao nosso encontro, mesmo que só em aparência, como um ensinamento ou como uma ciência, mas que ela também oferece, em um sentido elevado, um caminho em direção ao autoconhecimento e o que pode ser chamado de uma peregrinação para tornar-se uma pessoa boa. Para conseguir isto precisamos considerar a partir de diferentes pontos de vista como a Antroposofia pode ser frutífera em nossas vidas.

Vamos levantar uma pergunta específica que tem a ver não com pesquisa científica, mas com a vida diária – uma pergunta conhecida de todos nós. Como podemos encontrar conforto na vida quando temos que sofrer de uma maneira ou de outra, quando não encontramos satisfação na vida? Em outras palavras, vamos nos perguntar como a Antroposofia pode oferecer conforto e consolo quando realmente deles precisamos.

Obviamente, o que pode ser dito aqui somente em termos gerais deve ser sempre aplicado na situação individual de cada pessoa.

Por que precisamos de conforto e consolo na vida? Porque podemos estar tristes por causa de certos acontecimentos ou porque estamos sofrendo por causa de dores que nos afligem. É natural, que a princípio, o homem reaja à dor como se ele estivesse se rebelando internamente contra ela. Ele se pergunta por que ele tem que aguentar a dor. “Por que esta dor me aflige? Por que a vida não é organizada para mim de tal maneira que eu não tenha de sofrer dores, que eu possa ser feliz?” Estas perguntas só podem ser respondidas de maneira satisfatória se baseadas em um conhecimento autêntico referente à natureza do karma humano, do destino humano. Por que sofremos no mundo? Nós nos referimos aqui aos sofrimentos exteriores e interiores que surgem na organização psíquica e nos deixam descontentes. Por que somos afligidos por estas experiências que nos deixam insatisfeitos?

Debruçando-nos sobre as leis do karma, descobriremos que as razões subjacentes ao sofrimento são semelhantes ao que pode ser descrito no seguinte exemplo relacionado à vida diária entre o nascimento e morte. Vamos imaginar que um jovem viveu até seus dezoito anos às custas de seu pai. Então o pai perde todos os seus bens e entra em falência. O jovem precisa aprender agora algo de útil e fazer um esforço para se manter. Como resultado, a vida o atinge com dor e privação. É muito compreensível que ele não reaja positivamente ao sofrimento que deve enfrentar.

Vamos agora considerar a época em que ele chega aos cinquenta anos. Uma vez que, pela necessidade das circunstâncias, ele teve que se educar desde jovem, ele se tornou uma pessoa digna. Ele adquiriu uma posição segura na vida. Ele percebe porque reagiu negativamente à dor e ao sofrimento quando por eles atingido, mas agora deve pensar de maneira diferente a respeito disso. Ele deve dizer a si mesmo que o sofrimento não lhe teria atingido se ele já tivesse atingido certa maturidade – pelo menos, ao nível que um jovem de dezoito anos pode atingir. Se ele não tivesse sido atingido pela dor, ele teria continuado a ser uma pessoa inútil. Foi a dor que transformou suas fraquezas em habilidades positivas. Ele deve à dor ter se transformado em uma pessoa diferente ao longo de quarenta anos. O que foi em realidade reunido naquele momento? Suas imperfeições, naquele momento, e sua dor foram reunidas. Na verdade, suas fraquezas procuraram a dor para que sua imaturidade pudesse ser eliminada pela transformação em maturidade.

Até mesmo uma simples observação a respeito da vida entre o nascimento e a morte pode nos levar a este ponto de vista. Entretanto, se olharmos para a vida em sua totalidade e se nos defrontamos com nosso karma como ele foi explicado na palestra de dois dias atrás, chegaremos à conclusão que toda a dor que nos atinge, que todo o sofrimento que encontramos em nosso caminho, é do tipo procurado pelas nossas fraquezas. Sem dúvida, a maior parte de nossas dores e sofrimentos é procurada pelas imperfeições que trouxemos de encarnações anteriores. Uma vez que nós temos estas imperfeições dentro de nós, existe uma pessoa mais sábia do que nós mesmos dentro de nós, que chamamos de “eu” e que escolhe o caminho da dor e do sofrimento. Na verdade, uma das regras de ouro da vida é que nós todos carregamos em nós uma pessoa mais sábia do que nós, muito mais sábia. A pessoa a quem nos referimos como “eu” na vida do dia a dia é menos sábia. Se fosse deixado a cargo dessa pessoa menos sábia em nós escolher entre a dor e a alegria, ela, sem dúvida, escolheria o caminho que conduz à alegria. Mas o homem mais sábio é o que reina nas profundezas do nosso inconsciente e que permanece inacessível à consciência usual. Ele dirige nosso olhar para longe do divertimento fácil e instila em nós um poder mágico que procura o caminho da dor sem que nós realmente saibamos. Mas o que significam as palavras: Sem que nós realmente saibamos? Significa que o homem mais sábio prevalece sobre o menos sábio. Ele sempre age de tal maneira que nossas fraquezas são guiadas para as nossas dores e ele nos faz sofrer porque com cada sofrimento externo e interno nós eliminamos uma das nossas falhas e somos transformados em algo melhor.

Pouco será conquistado se tentamos entender estas palavras teoricamente. Muito mais pode ser ganho quando criamos momentos sagrados na vida durante os quais a pessoa se propõe a usar toda a sua energia em um esforço para preencher a alma com o conteúdo vivo destas palavras. A vida cotidiana, com todo seu trabalho, pressão, agitação, obrigações, oferece poucas possibilidades de agir desta maneira. Nestas circunstâncias nem sempre é possível silenciar a pessoa menos sábia em nós. Mas quando nós criamos um momento sagrado na vida, mesmo que seja curto, então podemos dizer, “Vou deixar de lado os acontecimentos triviais da vida; vou olhar meus sofrimentos de tal maneira que eu sinta como o homem sábio em mim foi atraído por eles com um poder mágico. Vou perceber que eu me impus certas experiências de dor sem as quais não superaria algumas das minhas fraquezas.” Um sentimento de sabedoria pleno de bem-aventurança nos envolve e nos faz nos sentir que mesmo que o mundo pareça ser cheio de sofrimento, ele está, entretanto, irradiando genuína sabedoria. Tal atitude é um dos frutos da antroposofia em benefício da vida. O que foi dito, pode, é claro, ser esquecido. Mas se nós não esquecemos, mas pusermos tais pensamentos, regularmente, em prática, nós nos conscientizaremos que plantamos uma semente em nossa alma. O que nós costumávamos vivenciar como sentimentos de tristeza ou atitudes de depressão será transformado em atitudes positivas em relação à vida, em força e energia. Destes momentos sagrados na vida nascerão almas mais harmoniosas e personalidades mais firmes.

Podemos dar agora outro passo em nossa experiência. O antropósofo deve ser determinado em dar este outro passo só depois de ter se confortado muitas vezes em relação aos seus sofrimentos da maneira que acabamos de descrever. A experiência que pode ser acrescentada agora consiste em olhar para as alegrias e para tudo que aconteceu na vida em termos de felicidade. Quem consegue defrontar-se com o destino sem preconceitos, como se ele mesmo tivesse desejado seus sofrimentos, será confrontado com uma reação estranha ao olhar para sua alegria e felicidade. Ele não conseguirá se defrontar com elas da mesma maneira com que se defrontou com seus sofrimentos. É fácil ver como se encontra conforto no sofrimento. Quem não acredita nisso tem só que se expor a esta experiência.

Entretanto, é difícil chegar a um acordo com a alegria e a felicidade. Por mais que aceitemos o fato de que fomos nós que desejamos nosso sofrimento, quando aplicamos este mesmo raciocínio à alegria e felicidade, nós não conseguimos deixar de nos sentir envergonhados de nós mesmos. Vivenciaremos um profundo sentimento de vergonha. A única maneira de superar este sentimento é entender que não fomos nós que demos a nós mesmos nossas alegrias e felicidade pela lei do karma. Esta é a única cura, pois, se não fosse assim, o sentimento de vergonha pode se tornar tão intenso a ponto de, realmente, nos destruir em nossas almas. O alívio só pode ser encontrado se não responsabilizarmos o homem mais sábio em nós por nos ter conduzido às nossas alegrias. Com este pensamento, sentimos que descobrimos a verdade porque o sentimento de vergonha desaparecerá. É fato que o nosso prazer e felicidade surgem em nosso caminho como algo com que somos agraciados, sem nossa participação, através de uma condução divina e sábia, algo que devemos aceitar como uma graça, como algo que deve nos unir ao universo. Felicidade e alegria tem tamanho impacto em nós nos momentos sagrados de nossas vidas e nas nossas horas íntimas de introspecção que devemos vivenciá-los como uma graça, como graça dos poderes divinos do mundo que querem nos receber e que nos tornam, por assim dizer, parte de seu próprio ser.

Enquanto nossa dor e sofrimento nos levam para dentro de nós mesmos e fazem com que sejamos mais genuinamente nós mesmos, nós nos desenvolvemos através da alegria e felicidade, desde que as consideremos como graça, um sentimento que só pode ser descrito como sendo parte da bem-aventurança das forças divinas e poderes do mundo. Aqui, a única atitude correta/justificada em relação à felicidade e alegria é a de gratidão. Ninguém poderá entender alegria e felicidade nas horas íntimas de autoconhecimento, se forem atribuídas ao Karma. Se envolvermos o karma, cometeremos um erro que poderá enfraquecer e paralisar o espiritual em nós. Qualquer pensamento de que a alegria e felicidade são merecidas na verdade nos enfraquecem e paralisam. Este pode ser um fato difícil de compreender, porque todo mundo que admite que a dor lhe é infringida pela sua própria individualidade esperaria, obviamente, ser seu próprio mestre em relação à alegria e felicidade. Mas um simples olhar à vida pode nos ensinar que alegria e felicidade têm um poder destruidor. Em nenhum lugar isto é descrito melhor do que no *Fausto* de **Ghoethe** com as palavras, “Eentão eu vacilo do desejo ao prazer. E no prazer eu me sinto queimar pelo desejo.” Uma simples reflexão sobre a influência do prazer pessoal mostra que inerente a ele existe algo que nos faz vacilar na vida e obscurece/apaga o nosso si mesmo.

Não se faz aqui nenhum sermão contra a alegria, nem um convite à prática da autopunição, ou a de nos beliscarmos com alicates em brasa, ou qualquer coisa do tipo. Se reconhecemos corretamente a situação, isto não quer dizer que devemos fugir dela. Portanto, não se sugere uma fuga, mas uma aceitação silenciosa da alegria e felicidade sempre que elas surjam. Precisamos desenvolver a atitude interior de que as vivenciamos como graça, e quanto mais melhor. Desta maneira nós realmente nos imergimos no divino. Portanto, estas palavras são ditas não com o objetivo de pregar o asceticismo, mas para despertar a disposição correta em relação à alegria e felicidade.

Se pensássemos que a alegria e a felicidade têm um efeito paralisante e destrutivo e que, portanto, deveríamos fugir delas, estaríamos promovendo o ideal do falso asceticismo e autopunição. Neste caso, o homem, na realidade, estaria escapando da graça que é dada a ele pelos deuses. A autopunição praticada pelos ascéticos, monges e freiras nada mais é do que uma constante rebelião contra os deuses. Esta atitude nos faz sentir a dor como algo que chega a nós através do karma. Na alegria e na felicidade podemos sentir que o divino está descendo até nós.

Possam a alegria e a felicidade ser para nós um sinal de quão próximo os deuses nos atraíram a eles e possam nossa dor e sofrimento ser um sinal de quão distantes nós estamos de nos tornarmos um bom ser humano. Esta é a atitude fundamental em relação ao karma sem a qual nós não podemos na verdade avançar na vida. Naquilo que o mundo nos oferece como bondade e beleza, nós devemos imaginar os poderes do mundo a respeito dos quais é mencionado na Bíblia, “E ele olhou para o mundo e viu que o mundo era belo e bom.” Mas visto que nós vivenciamos dor e sofrimento, nós devemos reconhecer o que o homem fez do mundo durante sua encarnação, que no início era um mundo bom e o que ele deve contribuir para a melhora do mundo educando-se para suportar a dor com propósito e energia.

Até agora foram descritas duas maneiras de defrontar-se com o karma. Até um certo ponto, nosso karma consiste de sofrimento e alegrias. Nós nos relacionamos com nosso karma com a atitude correta quando conseguimos considerá-lo como algo que realmente queremos e quando conseguimos confrontar nossos sofrimentos e alegrias com a compreensão adequada. Mas, uma análise do karma pode ser mais abrangente, e é o que iremos fazer hoje e amanhã.

O karma não nos mostra apenas o que está relacionado com as nossas vidas de maneira alegre ou dolorosa. Mas como resultado do trabalho do karma, nós encontramos pessoas no curso de nossas vidas com as quais nos relacionamos superficialmente, e pessoas com as quais nós estamos conectadas de várias maneiras por longos períodos de nossas vidas como no caso dos parentes e amigos. Encontramos pessoas que nos causam dor diretamente ou como resultado de um trabalho comum que não deu certo. Encontramos pessoas que ajudam ou às quais nós podemos ajudar. Em resumo, muitos tipos de relacionamentos são possíveis. Para que os efeitos do karma, no sentido antroposófico, como foram descritos anteontem, sejam proveitosos, nós precisamos aceitar o fato que o homem mais sábio em nós deseja certas experiências. Ele procura uma pessoa que parece cruzar acidentalmente o nosso caminho. É ele que nos conduz a outras pessoas com as quais nós nos relacionamos de uma maneira ou de outra. O que está realmente guiando este homem mais sábio em nós quando ele deseja encontrar esta ou aquela pessoa? Em que se baseia? Como resposta, temos que dizer a nós mesmos que queremos encontrar esta pessoa porque já a encontramos anteriormente e ela foi preparada. Pode não ter acontecido em nossa última vida; pode ter acontecido muito mais cedo. O homem mais sábio em nós nos conduz a esta pessoa porque nós tivemos relações com ela em uma vida anterior ou porque de algum modo temos uma dívida com ela. Nós somos conduzidos a esta pessoa como por uma força mágica.

Estamos entrando agora em uma área complexa e de múltiplos aspectos, para os quais se pode ter apenas uma visão geral. As indicações a seguir proveem de investigação clarividente. Elas podem ser úteis a todos porque podem ser aplicadas a muitas situações especiais.

Uma observação estranha pode ser feita. Todos nós vivenciamos ou observamos como, à medida que chegamos à meia-idade, a curva ascendente do crescimento muda gradualmente de direção tornando-se uma curva descendente e as energias da nossa juventude começam a entrar em declínio. Atingimos um clímax e dali por diante entramos em declínio. Este ponto de mudança acontece em torno dos trinta anos, mas não pode ser como regra geral, apesar de ser válido para cada um de nós. É aquela época de nossa vida que estamos vivendo mais intensamente no plano físico. Em relação a isto podemos ser vítimas de um engano. Os acontecimentos que precedem este clímax, desde a infância, foram trazidos conosco para esta encarnação. Eles foram, por assim dizer, tirados de uma existência anterior. As forças que trouxemos conosco do mundo espiritual são agora colocadas fora de nós e usadas para dar forma às nossas vidas. Estas forças estão exauridas quando atingimos a meia-idade.

Considerando a curva descendente de nossas vidas, percebemos as lições que aprendemos na escola da vida, que acumulamos e trabalhamos em profundidade. Elas serão levadas para a próxima encarnação. É algo que carregamos para o mundo espiritual; anteriormente nós tiramos algo do mundo espiritual. Esta é a época em que estamos totalmente engajados no plano físico. Nós estamos completamente envolvidos com tudo o que vem até nós no mundo exterior. Acabamos de finalizar nosso período de treinamento: estamos totalmente comprometidos com a vida e temos que chegar a um acordo com ela. Nós estamos envolvidos com nós mesmos, mas nós estamos principalmente ocupados em preparar nosso entorno para nós mesmos e descobrir uma relação adequada com o mundo no qual vivemos. As habilidades humanas que estão procurando um relacionamento com o mundo são a nossa capacidade de raciocínio e aquela parte da nossa vida volitiva que é controlada pela razão. O que está, então, ativo em nós é estranho ao mundo espiritual, o qual se afasta de nós e se fecha para nós. É verdade que a metade de nossas vidas é o momento em que nos encontramos mais afastados da realidade do espírito.

Aqui a investigação oculta/suprassensível revela um fato significativo. As pessoas com quem encontramos e as amizades que fazemos no período correspondente à metade de nossas vidas são curiosamente as mesmas pessoas com quem nos relacionávamos durante o período da primeira infância em uma de nossas encarnações anteriores. É um fato estabelecido como regra geral, embora isto nem sempre aconteça, que, como resultado da condução karmica, encontramos, no período referente à metade de nossas vidas, as mesmas pessoas que um dia foram nossos pais. É improvável que encontremos na primeira infância as pessoas que tenham sido nossos pais. Isto acontece na metade da vida. Este fato pode parecer estranho, mas é assim que acontece. Quando tentamos aplicar estas regras à nossa experiência de vida e quando organizamos nossos pensamentos adequadamente, podemos aprender muito. Quando uma pessoa em torno dos trinta anos, estabelece um relacionamento com outra, seja através dos laços do amor ou da amizade ou quando ambas entram em conflito ou em qualquer outro tipo de experiência, nós vamos entender muito mais estes relacionamentos se considerarmos hipoteticamente que a pessoa possa ter tido um relacionamento com a outra como a que um filho tem com seus pais.

Ao inverter este relacionamento, descobriremos outro fato surpreendente. As mesmas pessoas com as quais nos relacionamos quando crianças, tais como pais, irmãs e irmãos, amigos e outros companheiros são, como regra, as mesmas pessoas com as quais nós nos encontramos na encarnação anterior ou em uma das nossas encarnações anteriores, em torno dos trinta anos. Estas pessoas frequentemente surgem como nossos pais, irmãs ou irmãos na encarnação atual.

Por mais curioso que isto possa, a princípio, no parecer, vamos tentar aplicar isto à vida. Nossa experiência de vida se torna mais clara se olhamos para ela da seguinte maneira. Podemos, é claro, errar em nossas especulações. Mas, se, quando, sozinhos, pensando na vida, encontramos sentido no que acontece, então, podemos nos beneficiar enormemente. É óbvio que não devemos ajeitar o karma para satisfazer um desejo nosso; nós não devemos escolher as pessoas de quem gostamos e deduzir que eles podem ter sido nossos pais. Preconceitos não devem deturpar os fatos reais. Pode-se perceber o perigo a que nos expomos e as muitas concepções errôneas a que se pode chegar. Precisamos nos disciplinar para permanecer de mente aberta e sem preconceitos.

Vocês talvez perguntem agora qual é a relação que temos com as pessoas que encontramos na curva descendente de nossa vida. Descobrimos que no início de nossa vida, nós encontramos pessoas com as quais nos relacionávamos na metade de uma vida anterior, enquanto que agora, na metade de nossa vida, nós reconhecemos aqueles com quem estivemos envolvidos no início de existências prévias. Mas, e no período descendente de nossa vida? A resposta é que nós podemos ser conduzidos a pessoas com as quais estivemos envolvidos em uma vida anterior ou a pessoas com as quais ainda não nos envolvemos. Eles terão se relacionado conosco em uma vida anterior se estivermos encontrando-os em circunstâncias especiais que ocorrem em momentos decisivos ao decorrer da vida, quando, por exemplo, uma decepção dolorosa nos faz enfrentar uma séria provação. Em tal situação, é possível que nós estejamos encontrando durante o segundo período de nossa vida pessoas com as quais nos relacionamos previamente. Desse modo as condições não se aplicam e as experiências originadas no passado podem ser resolvidas.

O karma trabalha de muitas maneiras e não se pode enquadra-lo em um padrão definido. Mas, como regra geral, pode ser dito que durante a segunda metade de nossa vida encontramos pessoas com as quais as conexões kármicas que estão sendo tecidas não podem ser resolvidas em uma única vida. Vamos supor que tenhamos causado sofrimento a uma pessoa em uma vida anterior. É fácil supor que o ser humano mais sábio dentro de nós nos conduzirá de volta a esta pessoas em uma vida subsequente para que possamos reparar o mal que fizemos. Mas as condições da vida nem sempre permitem que possamos reparar tudo, talvez apenas uma parte. Portanto, o assunto é complicado e passa a existir a possibilidade de se corrigir o que restou do karma na segunda metade da vida. Olhando para isto desta maneira, nós estamos colocando nossos relacionamentos e comunicações com outras pessoas à luz do karma.

Mas há algo mais que podemos levar em a respeito do karma. É o que chamei, em duas conferências públicas recentes, de processo de amadurecimento e de aquisição de experiências. Estes termos só podem ser usados com absoluta modéstia. Nós podemos valorizar o processo pelo qual nos tornamos mais sábios. Nossos erros podem nos tornar mais sábios e é realmente melhor para nós quando isto acontece porque durante uma vida nem sempre temos a oportunidade de praticar a sabedoria. Por esta razão, nós retemos as lições que aprendemos com nossos erros como força para uma vida futura. Mas, que é, na verdade, esta sabedoria e a experiência de vida que nós podemos adquirir?

Ontem me referi ao fato de que nossas representações mentais não podem ser levadas imediatamente de uma vida para a outra. Referi-me ao fato de que nem mesmo um gênio como Platão não poderia levar as ideias de sua mente para uma nova encarnação. Nós levamos conosco nossas forças anímicas e volitivas, mas nossas representações mentais são nos dadas de novo a cada vida, assim como a faculdade da fala. A maior parte de nossas representações mentais vive na fala. A maioria de nossas representações mentais é proveniente da nossa capacidade de nos expressar em uma língua. As representações mentais que concebemos durante o período que estende entre o nascimento e a morte estão sempre relacionadas com esta existência terrestre específica. Assim sendo, é fato que as nossas ideias dependerão sempre do local e do porquê de nossas encarnações, independente do número de vezes que tenhamos que viver. A riqueza de nossas representações mentais sempre tem sua origem no mundo exterior e depende da maneira como o karma nos colocou em relação à raça, família e língua.

Nas nossas ideias e conceitos nós não sabemos realmente nada do mundo, exceto naquilo que depende do nosso karma. Esta afirmação nos diz muito. Significa que tudo que podemos aprender na vida e adquirir em forma de conhecimento é algo muito pessoal. Nós nunca podemos transcender o nível pessoal em relação a tudo que possamos aprender na vida. Nós nunca chegaremos tão longe quanto o ser humano mais sábio em nós, mas sempre permanecemos com o menos sábio. Se alguém acredita que pode, por ele mesmo, saber mais a respeito do seu eu superior a partir de observações no mundo exterior, ele está sendo levado por comodidade a um mundo irreal. Portanto estamos dizendo, nada mais, nada menos, que não sabemos nada a respeito do eu superior que tenha sido adquirido em vida.

Como podemos adquirir um conhecimento do nosso eu superior; como chegamos a tal conhecimento? Para encontrar uma resposta, precisamos nos fazer uma pergunta simples, “O que realmente sabemos?” Para começar, sabemos aquilo que aprendemos a partir da experiência. Sabemos apenas isso e nada mais. Aquele que quer se conhecer e não consegue perceber que carrega em sua alma apenas um espelho do mundo exterior pode se iludir ao acreditar que pode encontrar seu eu superior através da introspecção. O que ele encontra dentro, entretanto, nada mais é do que entrou vindo do exterior. Acomodação no ato de pensar não tem lugar nesta procura. Portanto precisamos investigar outros mundos nos quais nosso eu superior está mergulhado e a partir disso, aprender sobre as várias encarnações na terra e a visão de mundo descrita pela ciência espiritual.

Assim como tentamos entender a alma de uma criança a partir das condições de sua vida externa, examinando o ambiente da criança, precisamos também perguntar qual é o ambiente do eu superior. A ciência espiritual nos oferece um insight dos mundos nos quais nosso eu superior vive pela sua explicação da evolução de Saturno e todos os seus segredos, da evolução da Terra e da Lua, da reencarnação e karma, do devachan e kamaloka e etc. Esta é a única maneira de aprender sobre o nosso eu superior, sobre esse eu que se estende além do plano físico. Aquele que se recusa aceitar estes segredos está brincando consigo mesmo, é como um gatinho brincalhão. Não é sendo indulgente e permissivo em relação a si mesmo que se descobrirá o homem divino dentro de si. Só o que se vivencia no mundo exterior é armazenado dentro de si, mas o homem divino em nós só pode ser encontrado quando procuramos em nossa alma o mundo que se espelha além do físico.

Aquilo que é desconfortável de aprender é o que produz o conhecimento do eu. Na realidade, a verdadeira Antroposofia é conhecimento verdadeiro do si próprio. Se recebida de maneira adequada, a ciência do espírito nos esclarece em relação ao nosso próprio eu. Onde está este eu? Está debaixo da nossa pele? Não, está derramado/espalhado no mundo inteiro e o que está no mundo está ligado ao si mesmo; e também o que antes estava no mundo está conectado com este si mesmo. Somente conhecendo o mundo é que também conheceremos o eu/self.

Embora o conhecimento antroposófico, possa parecer a princípio mera teoria, ele aponta para o caminho do autoconhecimento. Aquele que deseja se encontrar fixando seu olhar em seu eu interior pode estar motivado pelo nobre desejo de ser bom e não ser egoísta, mas, na realidade ele se torna cada vez mais egoísta. Ao contrário disto, a luta com os grandes segredos da existência, a tentativa de se emancipar do eu pessoal complacente, a aceitação da realidade dos mundos superiores e do conhecimento que pode ser obtido deles, tudo leva ao verdadeiro autoconhecimento.

Ao refletirmos sobre Saturno, o Sol e a Lua, nos perdemos em pensamentos cósmicos, Assim, uma alma quando pensa em Antroposofia exclama: “Em teu pensar vivem pensamentos cósmicos,” E então ele acrescenta estas palavras, “Entrega-te aos pensamentos cósmicos.”

Uma alma haurindo a partir da Antroposofia diz. “Em teus sentimentos forças cósmicas estão a tecer,” e acrescenta logo a seguir, ”Vivencia-te nas forças cósmicas”. Estes poderes universais não se revelarão quando temos a expectativa de que eles nos serão lisonjeiros ou quando fechamos os olhos e prometemos ser um bom ser humano. Somente quando abrimos olho do espírito e enxergamos como as “forças cósmicas” atuam e regem, quando percebemos que estamos incluídos/ligados nestas forças, então teremos uma vivência do nosso próprio eu.

Portanto, a alma que busca força na Antroposofia dirá, ”Em ti seres cósmicos de boa vontade estão atuando,” e logo acrescentará, ”Cria-te através dos seres da vontade.”

O significado destas palavras pode ser compreendido se o autoconhecimento é praticado de modo correto. Se isto é feito, a pessoa se recria a partir das forças cósmicas.

Estes pensamentos podem nos parecer secos e abstratos, mas eles não são mera teoria. Eles têm o poder inerente de uma semente plantada na terra. Ela germina e cresce; a vida brota em todas as direções e a planta se torna uma árvore. Portanto é com a experiência que recebemos através da ciência do espírito que nos tornamos capazes de nos transformar. “Cria-te a partir dos seres da vontade.” Assim, a Antroposofia se torna o elixir da vida. Nossa visão dos mundos espirituais se amplia, nós extraímos força destes mundos e à medida que os absorvemos eles nos ajudarão a nos conhecermos em toda profundidade. Somente quando nos imbuímos do conhecimento do mundo podemos nos apoderar de nós mesmos e gradualmente afastarmo-nos do ser humano menos sábio em nós, que é separado pelo guardião do limiar, do homem mais sábio em nós. Isto, que permanece oculto para o fraco, pode ser ganho pelo forte através da Antroposofia.

 Em teu pensar pensamentos cósmico vivem;

 Entrega-te aos pensamentos cósmicos.

 Em teu sentir forças cósmicas estão a tecer;

 Sinta-te através das forças cósmicas.

 Em tua vontade seres cósmicos estão trabalhando;

 Cria-te através dos seres da vontade.

Tradução de Suely Lima (Versão preliminar) para uso no

Curso de Formação de Professores de Ensino Médio Waldorf

Cotejado com o texto original por Eleonore Pollstermeir

25/02/14